

DONATO CARRISI

**O TRIBUNAL DAS
ALMAS**

Tradução de Mário Matos

07h37

O cadáver abriu os olhos.

Estava deitado numa cama, de costas. A sala era branca, iluminada pela luz do dia. Na parede, mesmo à sua frente, havia um crucifixo de madeira.

Observou as mãos, estendidas ao longo do corpo sobre os lençóis claros. Era como se não lhe pertencessem, como se fossem de outra pessoa qualquer. Levantou uma mão – a direita – e levou-a diante dos olhos, para a observar melhor. Foi então que tocou nas ligaduras que lhe envolviam a cabeça. Estava ferido, mas percebeu que não sentia dor.

Virou-se para a janela. O vidro devolveu-lhe o débil reflexo do seu rosto. Nesse momento, o medo chegou. A interrogação perturbou-o. Mas mais ainda a consciência de não saber a resposta.

Quem sou eu?

CINCO DIAS ANTES

A morada era fora da cidade. Devido ao mau tempo e porque o condutor não dava com a estrada, tinham demorado mais de meia hora a chegar ao local isolado. Se não fosse pelo pequeno candeeiro aceso à entrada da via de acesso, teriam pensado que o local estava desabitado.

A ambulância avançou lentamente pelo jardim em estado de abandono. As luzes intermitentes revelavam na obscuridade estátuas de ninfas cobertas de musgo e Vénus mutiladas, que saudavam a sua passagem com sorrisos travessos, fixados em gestos elegantes e incompletos. Dançavam, imóveis, só para elas.

Uma casa antiga acolheu-os como um porto seguro a meio de uma tempestade. Não se viam luzes no interior. A porta, no entanto, estava aberta.

A casa esperava-os.

Eram três. Monica, jovem médica interna que nessa noite estava de turno nas urgências. Tony, um enfermeiro profissional com uma longa experiência sobre os ombros em intervenções de emergência. E o condutor, que ficou na ambulância enquanto os outros dois enfrentavam o temporal, dirigindo-se para a casa. Antes de entrarem pela porta, chamaram em voz alta por alguém que lá vivesse.

Ninguém respondeu. Entraram.

Cheiro a mofo, luz fraca e alaranjada de uma fileira de lâmpadas ao longo corredor de paredes escuras. À direita, uma escada que levava ao andar de cima.

Na sala ao fundo via-se um corpo inanimado.

Precipitaram-se para prestar socorro e viram-se numa divisão com os móveis cobertos por panos brancos. Exceto uma poltrona gasta, colocada no meio, mesmo em frente a uma televisão. Na verdade, tudo naquele local cheirava a velho.

Pondo-se de gatas, Monica lançou-se para o homem caído no chão, que respirava com dificuldade, chamando Tony para junto de si, com todo o equipamento.

– Está cianótico – constatou.

Tony verificou se as vias respiratórias estavam desobstruídas, e depois colocou-lhe a bomba de reanimação Ambu na boca, enquanto Monica lhe verificava as pupilas com uma lanterna.

Parecia ter no máximo cinquenta anos e estava inconsciente. Vestia um pijama às riscas, pantufas de pele e um roupão. O aspeto era descuidado, a barba já de alguns dias, e os poucos cabelos estavam em desordem. Numa mão ainda segurava o telemóvel com que tinha ligado para o número das emergências, queixando-se de fortes dores no peito.

O hospital mais próximo era o Gemelli. Perante um código vermelho, o médico de turno juntava-se ao pessoal da primeira ambulância disponível.

Por isso, ali estava Monica.

Havia uma mesinha caída, uma taça partida, leite e bolachas espalhados por todo o lado, misturados com urina. O homem devia ter-se sentido mal enquanto via televisão e urinara-se ali mesmo. Era um clássico, pensava Monica. Homem de meia-idade, a viver sozinho, tem um enfarte e, se não consegue pedir ajuda, é geralmente descoberto já cadáver quando os vizinhos começam a dar pelo mau cheiro. Mas, naquela vivenda isolada, isso não teria acontecido. Se não tinha família próxima, poderiam passar-se anos até que alguém se apercebesse do que tinha acontecido. Em todo o caso, parecia uma cena já vista, e Monica sentiu pena dele. Pelo menos até lhe abrirem o casaco do pijama para fazerem a massagem cardíaca. No tórax, o homem tinha inscrita uma palavra.

Mata-me.

Médica e enfermeiro fingiram não a ver. A sua missão era salvar uma vida. Mas, a partir desse momento, deram a cada gesto uma perceptível urgência.

– A saturação está a descer – disse Tony, depois de verificar os valores do oxímetro. Não lhe estava a chegar ar aos pulmões. – Temos de entubá-lo, senão perdemo-lo.

Monica retirou o laringoscópio da mala e colocou-se de frente para a cara do paciente.

Ao fazer isto, desimpediou a visão do enfermeiro, e apercebeu-se de uma inesperada estupefação nos olhos dele. Uma perturbação que não conseguiu interpretar. Tony era um profissional habituado a todo o tipo de situações; no entanto, alguma coisa o tinha espantado. Qualquer coisa que estava mesmo à sua frente.

No hospital, toda a gente conhecia a história da jovem médica e da sua irmã. Nunca ninguém lhe falara nisso, mas ela dava-se conta quando a observavam com comiseração e inquietação, interrogando-se como se podia viver com um tal peso às costas.

Nesse instante, na cara do enfermeiro, havia essa mesma expressão, mas muito mais atónita. Por isso, Monica virou-se por um instante e viu o que também Tony tinha visto.

Um patim em linha, abandonado a um canto da sala, vindo diretamente do inferno.

Era vermelho, com riscas douradas, idêntico ao seu gémeo, que não estava ali, mas noutra casa, numa outra vida. Monica sempre achara aqueles patins um pouco *kitsch*. Em contrapartida, Teresa teimava que eram *vintage*. Também elas eram gémeas e, por isso, a Monica sempre parecera ver-se a si mesma quando o cadáver da irmã fora encontrado num baldio junto ao rio, numa fria manhã de dezembro.

Tinha apenas vinte e um anos e fora degolada.

Diz-se que os gémeos sentem coisas um do outro, até mesmo a quilómetros de distância. Mas Monica não acreditava nisso. Não tivera nenhuma sensação de medo ou de perigo enquanto Teresa era raptada numa tarde de domingo, ao regressar depois de ir patinar com as amigas. O corpo fora descoberto um mês depois, com a mesma roupa com que desaparecera.

E com aquele patim vermelho, que era uma grotesca prótese no pé do cadáver.

Durante seis anos, Monica conservara-o, interrogando-se sobre o que teria acontecido ao outro, e se algum dia seria encontrado. Quantas vezes tinha imaginado a cara da pessoa que o tinha tirado? Quantas vezes o tinha procurado entre os estranhos com quem se cruzava na rua? Com o tempo, tinha-se transformado numa espécie de jogo.

Talvez agora Monica estivesse perante a resposta.

Olhou para o homem estendido no chão à sua frente. As mãos gretadas e rudes, os pelos que lhe saíam do nariz, a mancha de urina nas calças. Não parecia nada um monstro, como sempre tinha imaginado. Era feito de carne e osso. Um ser humano banal – e com o coração fraco, ainda por cima.

Tony trouxe-a de volta dos seus pensamentos.

– Sei o que te está a passar pela cabeça – disse-lhe. – Podemos parar quando te parecer que devemos parar. E ficar aqui à espera que aconteça o que tiver de acontecer... Tens de ser tu a dizer-mo. Ninguém saberá de nada.

Fora ele a propor isto, talvez porque a tinha visto hesitar com o laringoscópio junto à boca ofegante do paciente. Mais uma vez, Monica olhou para o peito do homem.

Mata-me.

Talvez tivesse sido a última coisa que os olhos da sua irmã haviam visto enquanto ele a degolava como um animal no matadouro. Nem uma palavra meiga de consolo, como sempre deveria acontecer com todas as criaturas humanas que estão a deixar para sempre esta vida. Dessa forma, o assassino quisera brincar com ela. E divertira-se com isso. Talvez Teresa tivesse suplicado pela sua própria morte, para que tudo acabasse rapidamente. Com a raiva, Monica apertou com força o punho do laringoscópio, e os nós dos dedos ficaram brancos.

Mata-me.

Aquele miserável tinha tatuado esta palavra no peito, mas, quando se sentira mal, telefonara a pedir socorro. Era como todos os outros. Também ele tinha medo de morrer.

Monica olhou para dentro de si mesma. Quem tinha conhecido Teresa via agora nela apenas um duplicado enganador, a estátua de um museu de cera, a cópia de um pesar. Para os seus, representava aquilo que a irmã não podia ser e nunca seria. Viam-na crescer e procuravam Teresa. Agora, Monica tinha oportunidade de se diferenciar e libertar-se do fantasma da gémea que guardava dentro de si. “Sou médica”, lembrou a si

própria. Queria encontrar um vislumbre de piedade pelo ser humano que estava caído à sua frente, ou o temor de uma justiça superior, ou mesmo qualquer coisa que se assemelhasse a um sinal. Em vez disso, deu por si a não sentir nada. Então, tentou encontrar desesperadamente uma dúvida, qualquer coisa que a convencesse de que o homem não tinha nada que ver com a morte de Teresa. Mas, por mais que pensasse, só podia haver uma razão para aquele patim estar ali.

Mata-me.

E, nesse instante, Monica deu-se conta de que já tinha tomado a sua decisão.

06h19

A chuva abatia-se sobre Roma como um triste funeral. Longas sombras vestiam os edifícios do centro histórico, num desfile de fachadas lacrimosas. As ruelas, contorcendo-se como vísceras em redor da Piazza Navona, estavam desertas. Mas a poucos passos do claustro de Bramante, as vitrinas do antigo Caffè della Pace refletiam-se na rua iluminada.

Lá dentro, cadeiras forradas a veludo vermelho, mesas de mármore riscado de cinzento, estátuas neorrenascentistas e os clientes habituais. Artistas, sobretudo músicos e pintores, inquietos pela manhã incompleta. Mas também lojistas e antiquários, à espera para abrirem as suas lojas ao longo da rua, e alguns atores que, regressando depois de uma noite de ensaios no teatro, vinham tomar um *cappuccino* antes de irem para casa dormir. Todos em busca de um pouco de consolo nessa manhã feia e todos concentrados em conversar entre si. Ninguém prestava atenção aos dois estranhos vestidos de preto, confinados a uma mesa logo à entrada.

– Como vão as enxaquecas? – perguntou o que parecia mais jovem.

O outro parou de apanhar com a ponta do dedo os grãos de açúcar em volta de uma chávena vazia e afagou instintivamente a cicatriz da têmpora esquerda.

– Por vezes não me deixam dormir, mas diria que estou melhor.

– Ainda tens aquele sonho?

– Todas as noites – respondeu o homem, levantando os olhos de um azul profundo e melancólico.